

Informativo da ASSINTEC nº 31

2011- Equipe Pedagógica da ASSINTEC: Pe. Carlos Alberto Chiquim (Presidente), Borres Guilouski, Diná Raquel D. da Costa, Elói Corrêa, Emerli Schlögl e Valmir Biaca, - Rua Máximo João Kopp 274 - Bloco 4 - CEP: 82.630-000 – Santa Cândida – Curitiba PR - Fone: 0xx41 3351 6642 - e-mail: assintecpr@yahoo.com.br; www.asintec.org.br

TEMPORALIDADE SAGRADA: 2012 O FIM DO MUNDO, OU A POSSIBILIDADE DE NOVO COMEÇO!



De vez em quando, aparecem profecias e teorias sobre o “fim do mundo”. Uma das últimas vezes que esse assunto veio à tona foi com a passagem do ano 2.000 do calendário Gregoriano.

Novamente tem-se uma série de publicações sobre o assunto, mas desta vez trata-se de uma data específica: **21/12/2012**. Esse dia foi estipulado por meio do Calendário solar Maia que apresenta ciclos de 7.200 anos, e que dá origem à atual polêmica sobre “o fim do mundo”.

Outros povos e seus calendários também anunciaram o armagedom ou ainda o fim dos tempos, como é o caso do Apocalipse no Novo Testamento.

Mas o que é o tempo? Como podemos defini-lo? Como o Tempo é pensado em algumas Tradições Religiosas? O que é o Tempo Sagrado?

Trabalhar a Temporalidade Sagrada no Ensino Religioso é importante, pois neste conteúdo pode-se problematizar a questão dos mitos de origem e suas relações com os textos sagrados orais e escritos, os ritos e festas e a concepção de vida e morte de algumas tradições. Portanto, este é um conteúdo rico em informações sobre a diversidade cultural e religiosa, e seu conhecimento pode ampliar nossa visão sobre o Sagrado e suas manifestações.

Este é um dos desafios da disciplina de Ensino Religioso, que pretende superar as tradicionais “aulas de religião” em favor de um ensino que trabalha o conhecimento sobre o Sagrado, nas diferentes culturas e religiões, e tem como objetivo o respeito à diversidade religiosa.

TEMPO SAGRADO: A ORIGEM DE TODAS AS COISAS

Elói Corrêa

Nesta edição do Informativo da Assintec, que se dirige aos professores de Ensino Religioso e a comunidade escolar, vamos trabalhar um conteúdo de muita abrangência, pois a Temporalidade Sagrada, ou Tempo Sagrado e Tempo profano, são conteúdos que se relacionam diretamente com todos os demais conteúdos do Ensino Religioso, por que estabelece conexão entre os mitos e os ritos, as festas, os lugares sagrados e os textos sagrados orais e escritos das diversas Tradições Religiosas.

Para as religiões, ou para as pessoas religiosas existem diferenças entre o Tempo Sagrado e o Tempo Profano. Isso porque o Tempo Sagrado é o tempo mítico, ou seja, primordial, o tempo da origem das coisas que se torna presente. Cada festa sagrada, cada tempo litúrgico consiste na atualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico (ELIADE, 2001. p 63).

A maioria das civilizações, tribos e povos do globo terrestre, possuem em sua cultura explicações para o nascimento do mundo, da vida, a origem de todas as coisas e de tudo que existe. No passado as civilizações antigas viam nas forças da natureza como o trovão, as tempestades, a luz, e nos astros como o sol, a lua e as estrelas, divindades dignas de adoração e reverência. Mas também tinham medo porque não entendiam a maior parte desses fenômenos. Assim, os mitos de origem possuem a função de explicar o princípio das coisas e o que acontecia antes do Tempo. É uma narrativa tradicional de forte caráter explicativo e simbólico ligado à determinada cultura e/ou religião.

Entendendo o Tempo Sagrado também como o momento memorável da criação ou origem, o homem religioso procura nas festas e rituais religiosos atualizar o pacto da criação. A atualização ritual do tempo primeiro é a base de certos **Calendários Sagrados**, a festa não é a comemoração de um evento mítico, mas a sua reatualização. Visto que o Tempo Sagrado pode vincular-se ao tempo da origem, o instante prodigioso em que uma realidade foi criada, em que ela se manifestou pela primeira vez plenamente, o homem esforçar-se-á por voltar a unir-se periodicamente a esse Tempo original. (ELIADE, 2001. p 73).

A Temporalidade Sagrada pode ser concebida basicamente de duas maneiras distintas: a concepção linear histórica e progressiva de tempo que é própria das chamadas religiões históricas, a saber, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, que afirmam a intervenção de Deus na história, num acontecimento que tem como objetivo a salvação, ou seja, os eventos sagrados se dão no interior da história e acontecem em períodos determinados como: a criação do mundo por Deus; a criação de Adão e Eva; sua expulsão do paraíso; o êxodo Judeu, o nascimento de Cristo, sua morte e ressurreição. São episódios que aconteceram no Tempo histórico e podem ser delimitados no Calendário.

Por outro lado têm-se e a concepção cíclica que se baseia na repetição, pois não houve um momento da criação, mas uma continuidade cíclica do tempo que é típica das religiões orientais, como é o caso do Budismo, por exemplo.

Um exemplo da Temporalidade Sagrada é a comemoração de fim de ano, muito comum na maioria das tradições religiosas. Também é a reatualização da origem do mundo e do universo (kosmos). Participando ritualmente do fim do mundo e de sua recriação, o homem torna-se contemporâneo do *illud tempus* (tempo de agora e de sempre), portanto, nasce de novo, recomeça sua existência com as reservas de forças intactas, tal como no momento de seu nascimento. (ELIADE, 2001.p 73).

Apontando os limites do que ELIADE, chama de Temporalidade Sagrada, toda a relação temporal ligada ao cotidiano, as coisas do mundo vivido, podem ser consideradas como a Temporalidade Profana. É o tempo que está fora do tempo Sagrado. Para a visão religiosa o Tempo Profano é o tempo material, que é marcado por continuidades e descontinuidades, que fornece elementos para a análise histórica como os fatores econômicos, sociais, políticos e geológicos que influenciam sua construção e concepção.

Existem, definições sobre o tempo geológico ou tempo das eras terrenas, tempo psicológico vivido por cada consciência, tempo ontológico que é o tempo do “ser” no mundo e também o tempo cronológico (que é o do relógio). Todos se enquadram no que o homem religioso entende como Tempo Profano.

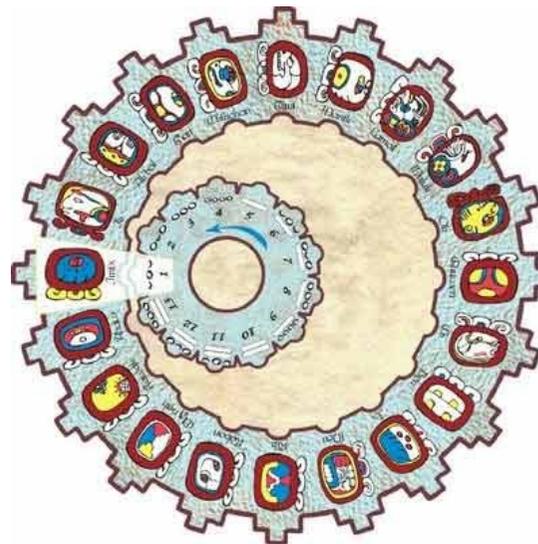
Conforme o historiador e Professor de Filosofia José Carlos Reis, para Ciência o tempo consiste na relação dos movimentos naturais, ou seja, os movimentos da terra em torno do sol, as fases da lua etc. O tempo físico, ou natural, explicado de maneira simples, é o conjunto de movimentos dos corpos no espaço.

O deslocamento dos corpos no espaço pode ser medido, não é o tempo vivido pela consciência humana, mas é o tempo natural. O horizonte humano é a finitude, a interrupção da vida. A certeza da morte leva as pessoas para a inquietação. O tempo geológico natural é movido pela entropia (teoria sobre a tendência ao equilíbrio do cosmos), pela força que move o universo em expansão, trata-se de uma morte natural, sem a inquietação da finitude. (Reis, 2005).

Numa perspectiva filosófica o tempo é a passagem do ser do passado para o presente, em direção ao futuro, é o movimento do Ser no espaço. Segundo Reis, com historiador é diferente, para ele o homem é o tempo, com consciência da mudança e da finitude, sem interesse pelo que está fora do tempo, aquilo que não muda.

O TEMPO SAGRADO EM ALGUMAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS CALENDÁRIO MAIA

Algumas civilizações pré-colombianas utilizavam calendários para se orientar. É o exemplo da civilização Maia, que possuía um calendário complexo, ou seja, difícil de explicar. Para Jacques Le Goff (2003), os calendários são tanto objetos religiosos, culturais como sociais. Também foram algumas vezes objeto de manipulação do poder, pois quem detinha tal conhecimento sabia como controlar a agricultura. Na cultura Maia, os sacerdotes dominavam um dos mais elaborados calendários da história e com ele podiam antever a melhor época para plantar de acordo com a estação das chuvas e dos acontecimentos celestes.



Calendário Maia

O calendário Maia possuía duas formas de contagem. O haab de trezentos e sessenta e cinco dias, mais um pequeno mês com cinco dias, que corresponde à duração de um ano, dividido em dezoito meses (uinals) com vinte dias cada. E o tzolk'in de duzentos e sessenta dias correspondente ao ciclo biológico humano desde a fecundação até o nascimento. Dessa forma, o haab regia a agricultura e as coisas, e o tzolk'in regia a vida das pessoas, a partir de seu aniversário, fornecendo-lhes preceitos e presságios.

Portanto, com o calendário mais exato entre os povos mesoamericanos, os Maias eram capazes de organizar suas tarefas cotidianas e registrar a passagem do tempo, relatando os fatos históricos, políticos e religiosos. Dessa forma, o ano astronômico haab era simultâneo ao ano sagrado tzolk'in que regia a vida da população e as cerimônias religiosas, bem como a organização das atividades agrícolas. Os sacerdotes realizavam rituais para atualizar o mito e recomeçar um novo ciclo.

Num calendário não linear, não tem sentido pensar em fim do mundo, mas sim no começo de uma nova era.

Para os Maias seu calendário era Sagrado e por meio dele podiam potencializar sua energia pessoal (Kin) e manifestar seu talento. A contemplação da repetição dos ciclos das estações do ano e os fenômenos do clima, das épocas próprias de certos vegetais e plantas, assim como dos animais sincronizada ao movimento dos astros observáveis, forneceu aos Maias, informação para a criação de seus calendários, no qual o mês tinha vinte dias, de acordo com sua matemática, que usava a soma dos dedos das mãos e dos pés.

TEMPORALIDADE INDIGENA

Segundo o indianista J. A. Peret, os índios cumprem com os encontros combinados sem o uso de calendários. Toda idéia de tempo dos povos Tupi eram baseadas na observação das variações dos fenômenos da natureza e das estações como os ventos, as chuvas, etc. A principal unidade de medida do tempo para os povos indígenas Tupinambás era feita a partir das fases da lua. Quando se pergunta a idade de um índio é comum a resposta ser: “eu nasci há tantas luas passadas”.

Numa Temporalidade dividida em horas, minutos e segundos do relógio, calculamos as horas de forma minuciosa, por outro lado, quando se pensa o tempo pelas fases da lua, têm-se uma percepção de tempo menos apressada e um atraso seria chegar em outra fase da lua que não a combinada. Além da observação das fases da lua os povos indígenas também possuíam outras maneiras de delimitar o tempo. O movimento do sol dava-lhes a noção de passagem do ano. As chuvas e ventos indicavam a passagem dos meses. Pela observação das fases da lua e dos movimentos das águas conseguiam ter uma perfeita noção do tempo.

Também escolhiam para medir o tempo as épocas de colheita dos alimentos, desova dos peixes, estações do ano e pelas enchentes e secas. O que demonstra o equilíbrio e a forte ligação dos índios com a natureza. A observação da natureza fornece dessa forma, informação suficiente para os povos indígenas terem noções de tempo os quais guiam suas atividades culturais, religiosas e cotidianas, como podemos observar no calendário dos índios Karajás:

Os Karajás contam:

Maybã (é tempo de milho verde), corresponde a Janeiro;

Baebara (o rio parou de encher) mês de Fevereiro;

Tubyraçó (começou a vazante) mês de Março;

We-ra (já tem praia de fora) Abril;

Rarado--uebto (as árvores tem flores que alimentam os animais) Maio;

Rarado-sí (as árvores tem frutos) Junho;

Kotu-sí (o tracajá pões ovos) Julho;

Bederá (começaram as queimadas para fazer roçado) Agosto;

Kotuni-sí (as tartaruga já pões ovos) Setembro;

Baé-bã dereká (iniciaram as chuvas e o rio começa a encher) Outubro;

Kotuni-reioré (as tartarugas estão nascendo) Novembro;

Baorá (o rio está enchendo) Dezembro.

TEMPORALIDADE JUDAICA

No judaísmo, a comemoração que marca o início do ano chama-se “cabeça do ano”, ou em hebreu “Rosh Hashaná”. Durante as comemorações costuma-se comer maçã com mel e açúcar para representar um ano doce. Nesta tradição religiosa o primeiro mês do ano corresponde ao sétimo mês bíblico. A Torá denomina esse momento de festa da Lua Nova. (Levíticos, 23:24). O calendário hebraico é baseado a observação lunar, ou seja, é formado por doze ou treze meses de acordo com a variação das fases da lua.

TEMPORALIDADE ISLÂMICA

No Islamismo existem datas religiosas muito importantes como a de ‘ID UI FITR, ou seja, a data do final do jejum, no bendito mês de RAMADHAN; a data festa de ÌD UL ÁDHA, ou do sacrifício, quando se comemora a prova de sacrifício do Profeta Abraão (A.S) ao seu filho primogênito Ismael (a paz esteja com eles). Temos também uma festa menos conhecida, mas não menos importante, que é a de GHADIR, quando se comemora a designação do IMAM ALI (A.S) como sucessor do Profeta (S.A.A.A.S), por ordem do Alcorão Sagrado. Outra data importante no Islã especificamente na escola Xiita são os primeiros dez dias do mês sagrado de MOHARRAM onde Xiitas rememoram com luto e pesar o martírio do neto do Profeta MUHAMMAD (S.A.A.A.S) chamado IMAM HUSSEIN (A.S).

O sentido das datas religiosas é algo Sagrado e não banal. Nos países Islâmicos milhares de pessoas se juntam para adorar a Deus e se realiza uma caridade obrigatória para que os demais pobres também estejam comemorando, convidando todos a reflexão. O sexto Sucessor do Profeta MUHAMMAD (S.A.A.A.S), IMAM SADIK (A.S), disse: Todo dia que não cometas um pecado é um dia de “ID”. A palavra ID significa retorno a Deus. É jubilo e celebração. Gamal Fouad El Oumairi - Membro do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos - www.ibeipr.com.br

SUGESTÕES DE TEXTOS E ATIVIDADES PARA O ENSINO RELIGIOSO

Professora (o) sugerimos que você busque adequar estas sugestões de textos e atividades de acordo com a realidade dos seus alunos, levando em consideração o nível de compreensão de cada faixa etária.

TEMA 1: O dia Sagrado

Objetivos: Conhecer diferentes formas de celebrar o dia Sagrado

Texto a ser lido com os alunos:

QUANDO E ONDE?

Diná Raquel D. Da Costa

Na segunda-feira a professora Ângela chegou à sala de aula e perguntou às crianças como foi o final de semana de cada uma.

André rapidamente falou:

_ Professora, eu e minha família fomos à igreja. Nós somos evangélicos e a escola bíblica é domingo pela manhã.

_ Eu, professora, fui à mesquita para a oração na sexta-feira ao meio dia, disse Artur.

_ Sou umbandista e a gente se reúne no sábado no início da noite, falou Eduarda.

_ E os indígenas, professora, quando é que vão à igreja? Perguntou Luísa.

Então a professora explicou que nas aldeias indígenas eles costumam ter seu momento de espiritualidade todas as tardes. Vão então para a “casa de reza” e fazem seus rituais.

Todas as crianças queriam falar, então a professora sugeriu que fizessem uma atividade relacionada aos Lugares Sagrados e ao Tempo Sagrado de cada tradição religiosa, então todos poderiam mostrar como e quando se reúnem em sua tradição religiosa para celebrar o tempo chamado “sagrado”. Colocar em mural depois de pronto.

ATIVIDADES:

a) Construir com as crianças um quadro em cartolina onde cada criança desenhará o espaço sagrado de sua tradição religiosa e escreverá o dia, horário e atividades desenvolvidas na comunidade.

As crianças que não participam de nenhuma religião poderão escolher um colega e fazer o trabalho junto com ele(a).

Depois de pronto, cada criança irá mostrar seu trabalho para a turma, apresentando sua Tradição Religiosa e o que fazem neste dia chamado “sagrado”.

b) Com tampa de pote de margarina redonda, pode-se construir um relógio e propor às crianças que ilustrem a atividade realizada em sua tradição religiosa, dentro do espaço de hora em que ela é praticada.

TEMA 2: Temporalidade Sagrada

Objetivos: Entender os diferentes momentos de comemorar o Tempo Sagrado

Texto a ser lido com os alunos:

TEMPORALIDADE SAGRADA

Valmir Biaca

As tradições religiosas geralmente têm datas importantes comemoradas nas festas onde o tempo se torna presente e os mitos são revividos nos seus ritos. Muitas comemorações estão

narradas nos seus textos sagrados, o que evidencia a importância da temporalidade nas mais diversas tradições religiosas.

A temporalidade sagrada se manifesta, também, no calendário que se remete aos ritos e festas. Outra maneira de estudar o tema é através do mito da criação, onde encontramos uma das formas de entender a origem das coisas. Podemos citar como exemplo o mito da criação Judaico-Cristã e o mito da criação de origem africana.

A temporalidade pode ser percebida e comemorada também, através dos ritos de passagem ligados ao ciclo vital que são realizados no nascimento, nos momentos importantes da vida e morte de lideranças e fundadores das tradições religiosas. Também são celebradas as passagens das estações, a virada de ano, a colheita, o plantio, entre outros momentos.

Feriados importantes ligados ao tempo sagrado nas Tradições Religiosas:

Cristianismo: Natal, Ano Novo, Páscoa, Ascensão de Cristo, Corpus Christi Finados entre outros.

Hinduismo: Diwali - Ano Novo, Holi (chegada da primavera), Kumba Mela (grande festival)

Judaísmo: Rash Hashará (Ano novo), Shovaut ou Pentecostes (festa das colheitas), Pessach ou Páscoa (êxodo ou saída da Egito).

Tradição Afro: Iemanjá (Nossa Sra. Dos Navegantes), Ibeji (Orixá criança).

Islã: Eid-ul-abda (acontece no décimo dia de Dhul-Hijj, último mês do ano), Ramadhan (mês sagrado).

Tradição Indígena: Kikikoi (ritual Kaingang, realizado entre os meses de abril e junho - festa da vida além morte), Povo Inca – Inti, o deus Sol (comemorado no final do inverno)

Budismo: aniversário do Buda – Hanamatsuri/Kambutsu-e, e o Dia - Ano Novo – Shusho-e.

ATIVIDADES



<http://setomatsuri.blogspot.com/>



<http://reginaminas-tarot.blogspot.com>

1. De posse de um calendário pedir para que os alunos relacionem as datas ou feriados que se remetem ao Sagrado no contexto brasileiro católico.

O professor poderá fazer na seqüência, a relação destas datas presentes no nosso calendário, fazendo uma ponte com as respectivas comemorações em outras tradições religiosas.

2. Pode ser elaborado também, painéis ou cartazes das tradições religiosas e seus respectivos feriados religiosos que remetem a temporalidade sagrada conforme texto apresentado e

que poderá ser implementado com outras datas comemorativas, pesquisadas ou conhecidas pelos alunos.

TEMA: A Revelação Divina no Tempo e no Espaço.

Ano Sugerido: 4° e 5° anos

Objetivo: Conhecer como os índios guarani percebem o tempo.

Texto a ser lido com os alunos:

O SOL E A LUA NA DANÇA DO TEMPO

Os povos das florestas possuem uma profunda percepção do tempo vinculado ao aos movimentos dos astros e a toda a natureza. Eles vivem em meio à natureza e aprendem com ela sobre a mudança do tempo.

A vida na aldeia também se organiza em conformidade com a presença do Sol, da Lua, o movimento dos Astros no céu. O nome espiritual do Sol é Nhamandu, que também tem um nome comum que é Kuaray. No calendário do povo guarani o tempo se liga à trajetória do Sol, e a passagem do tempo é conhecida como tempo novo e tempo velho. No tempo novo acontece a primavera e verão e no tempo velho o outono e inverno.

Os índios têm seus rituais para saudar a chegada do tempo e sabem exatamente como devem se relacionar com toda a natureza durante aquele período.

Fonte: <http://criancagenial.blogspot.com/2009/04/folclore-brasileiro-mito-indigena-do.html>

ATIVIDADES:

1. A professora ou professor poderá ler para os alunos o seguinte mito sagrado:

MITO INDÍGENA DO SOL

(Índios Tucuna, Vale do Rio Solimões, Amazonas)

Antigamente, muito antigamente, no tempo em que vivia entre os Tucuna, o Sol era um moço forte e muito bonito. Por ocasião da festa de Moça-Nova, o rapaz ajudava sua velha tia no preparo da tinta de urucu. Ia para a mata e trazia uma madeira muito vermelha, chamada muirapiranga. Cortava a lenha para o fogo onde a velha fervia o urucu para pintar os Tucuna. A tia do

moço era muito mal humorada, estava sempre a reclamar e a pedir mais lenha. Um dia o Sol trouxe muita muirapiranga e a velha tia ainda resmungava insatisfeita. O rapaz resolveu então que acabaria com toda aquela trabalhadeira. Olhou para o fogo que ardia, soltando longe suas faíscas. Olhou para o urucu borbulhante, vermelho, quente. Desejou beber aquele líquido e pediu permissão à tia que consentiu: - Bebe, bebe tudo e logo, disse zangada. Ela julgava e desejava que o moço morresse. Mas, à medida que ia bebendo a tintura quente, o rapaz ia ficando cada vez mais vermelho, tal qual o urucu e a muirapiranga. Depois, subindo para o céu, intrometeu-se entre as nuvens. E passou desde então a esquentar e a iluminar o mundo.

Fonte: <http://criancagenial.blogspot.com/2009/04/folclore-brasileiro-mito-indigena-do.html>

ATIVIDADES

1. Colocar no quadro as questões que seguem para os alunos copiarem;

Ler coletivamente cada uma das questões;

Realizar a segunda leitura do mito a fim de que as crianças identifiquem as respostas.

- a. No mito indígena, em que tempo o Sol vivia entre os índios Tucuna?

- () antigamente, muito antigamente
- () ontem
- () hoje
- () amanhã

- b. A tia do moço era muito mal humorada, e ela reclamava:

- () todas as manhãs
- () certos dias
- () sempre
- () todas as noites

- c. Quando o moço disse para a tia que queria beber aquele líquido vermelho e quente, ela respondeu:

- () vá bebendo um pouquinho por dia
- () beba logo
- () beba somente a metade hoje e a outra metade amanhã
- () nunca beba este líquido

- d. Quando o Sol subiu para o céu e se transformou em um astro luminoso?

- () no final desta história
- () no começo da história
- () no meio da história
- () durante toda a história

2. A professora (o) apresenta aos alunos a ideia do tempo marcando certos momentos religiosos.Ex: batismo, casamento, morte.

Pedir que os alunos façam uma pesquisa em casa sobre o tempo do ritual em sua tradição religiosa.

- a) A família costuma fazer alguma prece, oração? Em que momentos?
- b) A família costuma frequentar algum culto, missa, celebração? Quando?
- c) Na sua tradição religiosa há alguma festa importante que é comemorada em algum dia do calendário? Que festa é esta? Quando é comemorada?

Obs: caso o aluno não possua religião específica solicitar que faça a pesquisa com outra pessoa, um vizinho, amigo ou parente.

José de Alencar escreveu um romance intitulado: O Guarani. Mais tarde Carlos Gomes, músico brasileiro, escreveu uma ópera com esta mesma história. Apresentamos a seguir o resumo da história conforme: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Guarani, no qual a Professora(o) poderá observar o tempo mítico que se repete no ato do salvamento.

A obra se articula a partir de alguns fatos: a devoção e fidelidade de Peri, índio goicató, a Cecília; o amor de Isabel por Álvaro, e o amor deste por Cecília; a morte acidental de uma índia [aimoré](#) por D. Diogo e a conseqüente revolta e ataque dos aimorés, tudo isso ocorrendo com uma rebelião dos homens de D. Antônio, liderados pelo ex-frei Loredano, homem ambicioso e mau-caráter, que deseja saquear a casa e raptar Cecília.Verificar a distância dos parágrafos

Álvaro, que já conhecia o amor de Isabel por ele e também já a amava, se machuca na batalha contra os [aimorés](#). Isabel, vendo o corpo do amado tenta se matar asfixiada junto com o corpo de Álvaro, quando o vê vivo tenta salvá-lo, porém ele não permite e morrem juntos.

Durante o ataque, D. Antônio, ao perceber que não havia mais condições de resistir, incumbe Peri de salvar Cecília, após tê-lo batizado como cristão. Os dois partem, com Ceci adormecida e Peri vê, ao longe, a casa explodir. A Cecília só resta Peri.

Durante dias Peri e Cecília rumam para destino desconhecido e são surpreendidos por uma forte tempestade, que se transforma em dilúvio. Abrigados no topo de uma palmeira, Cecilia espera a morte chegar, mas Peri conta uma lenda indígena segundo qual Tamandaré e sua esposa se salvaram de um dilúvio abrigando-se na copa de uma palmeira desprendida da terra e alimentando-se de seus frutos. Ao término da enchente, [Tamandaré](#) e sua esposa descem e povoam a Terra. As águas

sobem, Cecília se desespera. A lenda de Tamandaré se repete e Peri com uma grande força arranca a palmeira e faz dela uma canoa para poderem continuar pelo rio, dando início à [população brasileira](#).

TEMA: O tempo, a poesia e o relógio

Ano Sugerido: 5° E 6° anos

Objetivo: Proporcionar um momento de reflexão sobre as diversas formas de se pensar o tempo.

ATIVIDADES:

- a) Após a leitura das poesias abaixo, escreva um poema sobre o Tempo Sagrado. Poderá ser elaborado um varal para exposição dos trabalhos.

CORTAR O TEMPO	O TEMPO	AH! OS RELÓGIOS
<p>Quem teve a idéia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui pra diante vai ser diferente.</p> <p>Carlos Drummond de Andrade</p>	<p>O segredo do tempo é consumi-lo sem percebê-lo. É fingir-se infinito para não o vermos passar É fazer-se contar em anos em vez de momentos relógio, despertador, cronômetro, calendário</p> <p>Tudo engodo para imaginarmos prendê-lo, controlá-lo</p> <p>Ampulheta, único instrumento sincero do tempo</p> <p>Regressivamente, nos impõe a gravidade</p> <p>De haver realmente um último grão</p> <p>Riscando na areia a nossa fragilidade</p> <p>Mas o tempo é imparcial Não distingue rico de pobre Preto de branco, homem de mulher</p> <p>Devora-se sem escolha [...]</p> <p>Mas o tempo é imparcial Não distingue rico de pobre Preto de branco, homem de mulher</p> <p>Devora-se sem escolha [...]</p> <p><i>Paulo Esdras</i></p>	<p>Amigos, não consultem os relógios quando um dia eu me for de vossas vida sem seus fúteis problemas tão perdidas que até parecem mais uns necrológios... Porque o tempo é uma invenção da morte: não o conhece a vida - a verdadeira -em que basta um momento de poesia para nos dar a eternidade inteira.</p> <p>Inteira, sim, porque essa vida eterna somente por si mesma é dividida: não cabe, a cada qual, uma porção.</p> <p>E os Anjos entreolham-se espantados quando alguém - ao voltar -a si da vida - acaso lhes indaga que horas são...</p> <p><i>Mario Quintana</i></p>

